

CULT
DE CULTURA

POP!

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

CADERNO DE RESUMOS



O PROCESSO DE LEITURA DOS QUADRINHOS EM MEIO DIGITAL – ANALISANDO ALGUNS CASOS DE QUADRINHOS PUBLICADOS EM REDES SOCIAIS

Maiara Alvim de Almeida¹⁶

Embora o uso de imagens para a construção de narrativas acompanhe a humanidade desde seus primórdios, costuma-se apontar que o surgimento dos quadrinhos enquanto campo de produção e forma de arte autônomos se deu na segunda metade do século XIX, com as publicações do cartunista Rodolphe Toppfer. Desde então, em seus já quase dois séculos de existência, os quadrinhos estiveram majoritariamente associados ao suporte impresso, sendo grande parte de suas convenções associados às limitações desse. O uso de balões de fala, de quadros dispostos em sequência, bem como as onomatopeias ou linhas de ação, são alguns dos recursos utilizados para se criar a ideia de sequência, movimento e sonoridade nas tiras impressas. Com o advento das tecnologias digitais, no entanto, a possibilidade de se integrar à linguagem dos quadrinhos elementos oriundos de outras mídias e outras linguagens artísticas torna-se mais simples e acessível, o que contribui para o surgimento dos quadrinhos eletrônicos e, também, de outros formatos narrativos híbridos derivados desses (ALVIM DE ALMEIDA, 2019).

Embora os quadrinhos eletrônicos não sejam exatamente uma novidade, datando já da década de 1980 (FRANCO, 2013), sua popularização está atrelada, de certo modo, à da internet de uso doméstico. Leitores e autores de quadrinhos passam a dispor de novas ferramentas e meios para criar, ler e publicar quadrinhos, muitos dos quais eliminam a necessidade de um intermediário (no caso, um editor) para a publicação, aproximando as duas metades do processo e convidando leitores a também se tornarem autores, como aponta Alvim de Almeida (2019). Se na primeira década do século XXI, página pessoais e blogs eram o grande trunfo de autores iniciantes ou até mesmo veteranos que escolhessem o meio digital para publicação de suas HQs, na segunda década esse passa a ser as publicações em redes sociais. Dentre tantas plataformas disponíveis, destacamos o Instagram. Criado em 2010 exclusivamente como um aplicativo para celulares com sistema operacional iOS, o Instagram foca-se na publicação de imagens. Com seus dez anos de existência, a rede social do grupo Facebook é uma das cinco mais usadas atualmente, especialmente entre demografias mais jovens, como gerações Y e Z. A rede vem sendo cada vez mais utilizada por quadrinistas para a publicação de quadrinhos, havendo uma preferência pelo formato de tirinhas. Embora haja muitos veteranos das HQs que transpuseram suas tirinhas em parte ou em totalidade para páginas no Instagram, há autores novatos que iniciam suas carreiras nele também.

As tirinhas publicadas no Instagram passam por algumas adaptações. A plataforma permite a postagem de imagens estáticas sozinhas, vídeos de até um minuto (sendo os com duração superior a essa postados em uma aba paralela na própria plataforma, o IGTV) ou,

¹⁶ Doutora em Letras, IFRJ, maiara.almeida@ifrj.edu.br



ainda, de imagens e vídeos combinados em carrosséis que comportam até dez arquivos. Há, assim, tanto a possibilidade de se convergir mídias em uma tirinha, integrando elementos em movimento ou animações às imagens estáticas, assim como é possível se dividir os quadrinhos da tirinha em imagens separadas, postadas no carrossel, sendo necessário o movimento de deslizar para os lados para se acompanhar.

Com tais considerações em mente, nos propomos a, no escopo deste trabalho, discutir as possibilidades de leitura e as adaptações feitas às histórias em quadrinhos feitas para o formato da rede social Instagram. As considerações aqui apresentadas foram obtidas através de um projeto de pesquisa que vem se dedicando a recolher dados e mapear as histórias em quadrinhos publicadas em redes sociais, a fim de se identificar características, temáticas e estéticas que nos permitiriam melhor compreendê-las como um novo subgênero dentro dos quadrinhos. O levantamento dos perfis é feito a partir de buscas de palavras chaves na plataforma de busca da ferramenta; uma vez identificados, coletamos dados referentes à tipos de postagens, temáticas, número de seguidores e frequência de postagem, bem como análises de tirinhas específicas, indo de uma perspectiva mais macro para a micro, em exercício de *close reading*. Nesta proposta, iremos nos debruçar sobre algumas dessas tirinhas, retiradas de alguns dos perfis mais acessados (a saber: @dona.anesia, do quadrinista Will Leite; e o @helodangeloarte, de Helô D'Ângelo). Priorizamos neste momento os perfis de quadrinistas brasileiros, com publicações periódicas e grande número de acessos/seguidores. Nosso objetivo é, no escopo da presente proposta, é, através de análise (*close reading*) de algumas tirinhas destes perfis, identificar elementos que indiquem a convergência midiática e de linguagens aplicadas a essas produções que se valem do Instagram como suporte de publicação. Valemos-nos de considerações teóricas a respeito da convergência midiática, tal qual postulado por Jenkins (2009), cibercultura de Lévy (1999), linguagem e elementos dos quadrinhos de Postema (2018) e Groensteen (2015), bem como considerações sobre narrativas eletrônicas de Murray (2003), hipertexto de Landow (1997) e leitura em ambiente digital de Wolf (2007).

Nossa investigação, embora ainda em andamento, já identificou alguns pontos importantes a se considerar, o que nos levam a outras hipóteses de trabalho para investigações futuras. O primeiro deles é que grande parte das convenções dos quadrinhos mantêm-se no ambiente virtual e, embora exista a possibilidade de se usar elementos audiovisuais, muitas tirinhas não lançam mão destes, seja por questões de preferência, prazos, tamanho/qualidade dos arquivos ou baixa resposta do público aos mesmos. Percebemos que muitas das tirinhas, no entanto, são divididas em quadros postados separadamente; no entanto, grande parte dos autores, o que pode se evidenciar pelos dois escolhidos em nosso recorte, opta por publicar a tirinha de modo integral ao final. A tirinha acaba sendo o formato preferido, por seu tamanho e potencial de viralização, um elemento importante para redes sociais. Além disso, percebemos também que, embora represente um ambiente digital, o Instagram reproduz muito a lógica de leitura analógica dos álbuns impressos, não havendo quebra de linearidade ou uso de hiperlinks para se construir narrativas realmente hipertextuais, não havendo também muitas possibilidades de indexação na plataforma. A leitura obedece ainda a linearidade do impresso,



inclusive respeitando seu sentido em línguas indo-europeias ocidentais (esquerda para direita, de cima para baixo, um formato popularmente chamado de leitura em F), sendo a grande diferença o uso da barra de rolagem para baixo e o movimento de deslizar para os lados, no caso de postagens em formato carrossel. Assim, quadrinhos em redes sociais acabam não sendo tão experimentais quanto prometeriam ser, até mesmo por uma questão de aceitação do público e potencial de viralização dos mesmos. Outro fato que deve ser considerado é o alto grau de distração que a leitura em tela ocasiona, o que também justificaria a opção por formatos mais tradicionais e pela escolha da tirinha como o gênero de quadrinhos privilegiado no meio desta rede social.

Assim, podemos perceber que, apesar de apresentarem grande potencial enquanto suporte de quadrinhos por questões de alcance e baixo custo, redes sociais como o Instagram exigem algumas adaptações dos quadrinhos para que sejam postados e lidos de forma fluida e agradável. Além disso, apesar das possibilidades de convergência de mídias que apresenta, nem sempre se lança mão das mesmas, sendo assim as tirinhas nele publicadas mais tradicionais e menos experimentais. Os porquês de tais escolhas merecem ser futuramente analisados e delimitados a fim de que possamos obter uma compreensão mais acertada do que as redes sociais representam para quadrinhos e narrativas híbridas eletrônicas.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Quadrinhos eletrônicos; Redes sociais; Instagram; Leitura em ambiente digital.

Referências:

ALMEIDA, Maiara Alvim de. **Leitores e autores na era da web 2.0 : webcomics, narrativas hipertextuais e participação.** 2019. Doutorado em Letras: Estudos Literários – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FRANCO, Edgar Silveira. **Histórias em Quadrinhos e hipermídia: As HQtrônicas chegam à sua terceira geração. LUIZ, Lúcio (org.). Os Quadrinhos na era digital. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013.**

GROENSTEEN, Thiery. **O sistema dos quadrinhos.** [S.l.]: Nova Iguaçu: Marsupial, 2015. Trad. Érico Assis.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergencia.** 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LANDOW, George P. **Hypertext 2.0. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology.** Oxford: The John Hopkins University Press, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura,** São Paulo, Editora 34. **coleção Trans,** 1999.



MURRAY, Janet. Hamlet no holodeck. **São Paulo: Unesp**, 2003. Tradução de Elissa K. Danzi e Marcelo F. Cozziel.

POSTEMA, Barbara. **A estrutura narrativa nos quadrinhos – construindo sentido a partir de fragmentos**. São Paulo: Peirópolis, 2018. Trad. Gisele Rosa.

WOLF, Maryanne. **Proust and the squid – the story and science of the reading brain**. Kindle Edition. New York: Harper perennial, 2007.